

# O suporte dos políticos para Sarney

por M. A. Coelho Filho  
de São Paulo

"Toda força a Sarney", resumiu para este jornal o governador Franco Montoro, ao examinar o quadro político criado pela doença que prende o presidente eleito Tancredo Neves a um hospital em São Paulo, onde convalescia de sua terceira operação e resistia a três focos de infecção (leia reportagem abaixo). Pela terceira vez em um ano, o governador do estado mais rico do País começa a liderar um movimento político nacional. No ano passado ele deflagrou a campanha pelas eleições presidenciais diretas já e patrocinou a candidatura indireta do mineiro Tancredo Neves à Presidência.

A internação do presidente eleito em São Paulo tornou o governador Montoro o interlocutor natural dos demais governadores, que ligam para pedir notícias e acabam conversando de política. Toda força ao presidente interino José Sarney significa, no



**Franco Montoro**

caso, organizar o suporte político para lhe facilitar o governo até 1986, caso o impedimento de Tancredo Neves se transforme de longo em definitivo.

Ontem o governador Montoro conversou com seus colegas do Paraná, de Pernambuco e do Rio de Janeiro, almoçou com o governador golano Iris Rezende e manteve diversos contatos com líderes da Nova República em Brasília. A tese que ele vem defendendo, no caso de o País ter de se defrontar com o pior, é a de que Sarney conduza o governo até a convocação de uma Assembléia Nacional Constituinte e de eleições presidenciais diretas em 1986.

As duas medidas atribuíam a Sarney "a legitimidade de que precisa", argumenta o secretário de Governo de São Paulo, Luis Carlos Bresser Pereira. "Se a pior hipótese se confirmar, o presidente Sarney, ao convocar as eleições gerais, ganharia o direito político de governar a Nação durante os próximos dois anos", acrescentou.

Existem dificuldades a serem contornadas. O ex-presidente João Figueiredo

teria dito anteontem ao governador Montoro que o presidente interino José Sarney "não preside". Não são poucos os parlamentares que pensam como o fluminense (sem partido) Wilmar Pallis, que disse ontem a José Antônio Severo, deste jornal: diante do pior, "ninguém seguraria esse Congresso. Será diretas já. Se o Congresso se acomodasse a algum conchavo, não suportaria o clamor das ruas". E, como sempre, existem as Forças Armadas, que se prepararam para passar o poder à oposição, mas não para uma eleição presidencial direta ainda.

De qualquer modo, existem candidaturas postas e circulando pelo Congresso, em geral, e pelos partidos, em particular. Tem-se como inevitável a postulação do governador fluminense, Leonel Brizola, pelo seu partido, o PDT. A Frente Liberal concorreria com seu presidente de honra, o ministro das Minas e Energia, Aureliano Chaves, e está disposta a oferecer a Vice-Presidência numa composição com o PMDB, onde se faz a mesma oferta aos liberais. No PMDB, o candidato natural seria o presidente do partido, deputado Ulysses Guimarães, que também poderia preferir um nome como o do ex-senador Paulo Brossard.

O PDS dispõe do candidato derrotado no Colégio Eleitoral, o deputado Paulo Maluf, como sua principal liderança. Mas o seu nome está profundamente marcado como o do adversário do presidente Tancredo Neves, e a maioria do PDS pode voltar-se para um nome aplaudido nas ruas e vinculado à Nova República, como o ministro das Comunicações, Antônio Carlos Magalhães, que teria nas circunstâncias melhor chance.

(Ver páginas 6, 7, 8, 9 e 10)